

FACES DA NARRATIVA

A sétima edição de *Ao Largo* tem como tema a Literatura em algumas de suas muitas vertentes de narrativas como: diário, carta, ensaio, ficção, fotografia. Quase todos os artigos têm uma característica em comum: tomaram seus títulos de empréstimo de outros textos conhecidos. Permeados por uma temporalidade vertical, que irrompe nos textos, seja pelo atrito entre realidade e ficção, seja por uma epifania que excede a própria linguagem, seja pela ‘fronteira desguarnecida’ entre escritor e leitor, os ensaios dessa edição propõem uma reflexão sobre a composição textual a partir de experiências singulares.

A revista abre com um belo ensaio de Daniel Jablonski – fruto de sua residência artística em Cali, na Colômbia – cujo título: *Não conheço fins de semana* foi retirado da obra do artista alemão Joseph Beuys “que consiste em uma clássica maleta preta de executivo contendo apenas um exemplar da *Crítica da razão pura*, de Kant, e uma embalagem de caldo Maggi.” O objetivo da residência era fazer uma cartografia urbana de Cali após a leitura, em apenas quatro semanas, do essencial da literatura de ficção de autores locais, tendo a cidade como cenário. Daniel mescla em sua escrita a experiência de artista-turista-trabalhador com os personagens do romance sobre o qual se deteve – *María*, de Jorge Isaacs – cuja força da ficção transborda o limite da história para se instalar como monumento em praça pública, confundindo a divisa entre realidade e ficção.

Maraíza Labanca, em *Epifania da escrita: de James Joyce a Nuno Ramos*, nos apresenta os modos distintos da noção de epifania na obra dos dois autores. Em Joyce, a epifania é inserida no texto e, de certa forma, o antecede, enquanto em Ramos é a própria escrita que produz a epifania – ‘espasmos na ardência do presente’ – lascas irreduzíveis à carne do texto. As lascas adquirem caráter de excepcional no curso da leitura, no curso da escrita, são ‘incidentes de fôlego curto que brotam de dentro da narrativa.’ Todo o esforço de Maraíza gira em torno da seguinte questão: “como seria possível escrever a epifania, em seu acontecimento excessivo, sem domesticá-la e sem voltar-lhe as costas”?

A partir da reflexão sobre o narrador ficcional de nossos dias e diante da constatação de que todas as narrativas já foram escritas – cuja alegoria é a Biblioteca de Babel de Borges na qual toda memória do mundo se encerra – o artigo de Silviano Santiago problematiza o lugar assumido pelo autor / narrador contemporâneo que insiste em ‘começar sempre pelo começo’ em uma perspectiva muitas vezes ingênua, que só adere ao espaço social e político pelas ‘aventuras de um *mínimo eu*’. O título do ensaio, *Toda memória do mundo*, também foi retirado de uma obra, o documentário *Toute la mémoire du monde* de Alain Resnais sobre a Biblioteca Nacional de Paris.

Sofia Karam nos apresenta uma carta ao seu pai sobre a possível herança de uma doença neurodegenerativa incurável em sua família. *Uma carta ao [meu] pai ou como escrever uma tese pode mudar atitudes e posturas de um corpo-pensamento*, referência explícita a Kafka, é um discurso que se dirige ao pai, já morto. Sofia busca na escrita o fio de sua própria vida atravessada muito cedo pelo impedimento. É na luta com as palavras, na escrita da tese, na investigação sobre a ‘fiscalidade do pensamento’ que a autora resiste e entende que “existe a possibilidade de erguer um corpo em combate, existe uma resistência à biologia.” É a partir desse *corpo-pensamento* que sua escrita ganha sentido uma vez que “o trabalho do pensamento e da escrita tratam, e podem criar um outro corpo. Uma outra forma de pensar, uma outra forma de vida”.

A edição fecha com o belo trabalho da carioca Fernanda Pinto intitulado *Impressões* – série de seis fotografias. Artista visual, Fernanda iniciou a carreira como diretora de arte em agência de publicidade entre Rio, São Paulo e Nova York. Atualmente trabalha nas áreas de design gráfico, fotografia, vídeo e artes plásticas. Fez inúmeros trabalhos como designer de livros e CDs, além de ter participado de exposições coletivas e individuais no Brasil e em Portugal.